

RESENHA

Mintz, Sidney W. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003. 199p.

CAIO AUGUSTO AMORIM MACIEL*

Se há pensadores incontornáveis para a compreensão do *sistema social da grande plantação*, dentre eles encontra-se inequivocamente o antropólogo norte-americano Sidney W. Mintz, conhecido mundialmente por seus trabalhos sobre o Caribe e a cana-de-açúcar. Essa aparente “especificidade geográfica” talvez seja responsável pela pouca divulgação de seus trabalhos no Brasil, ao lado das barreiras lingüísticas (a maioria de suas obras tendo sido publicadas em inglês, algumas em espanhol, umas poucas em francês).

A coletânea *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*, organizada com esmero pela professora Christine Rufino Dabat, ressalta a importância de reconhecer e estudar as correlações entre as terras da cana em toda a América e no mundo, desfazendo o equívoco da singularidade regional do autor. Com efeito, nada mais contrário ao pensamento de Mintz do que o particularismo e a análise de contextos regionais sem referência às diversas escalas, do

local ao global. Em seu modo de ver, tanto as esferas da produção e do consumo deveriam ser analisadas conjuntamente, solidarizando produtores e consumidores em diversas partes do planeta.

A escolha dos artigos, com tradução cuidadosa da profa. Christine, aponta nessa direção, abrindo aos leitores um leque representativo das preocupações do autor ao longo de quatro décadas, sem preocupação com a evolução cronológica das suas idéias. Assim, o primeiro artigo (Produção tropical e consumo de massa: um comentário histórico – original de 1990), apresenta uma síntese clara sobre a maneira pela qual Mintz considera a relação inseparável entre a história do Velho e do Novo Mundos, lançando foco na interação umbilical entre demanda de açúcar pelos trabalhadores europeus e organização de plantações canavieiras nas Américas. No interessante prólogo à coletânea, o próprio autor revela que este artigo foi originalmente concebido para uma palestra em Taiwan, o que o levou a reforçar suas reflexões sobre a globalidade das culturas de plantação.

No segundo e mais recente artigo (Aturando substâncias duradouras, testando teorias desafiadoras: a região do Caribe como *oikoumenê* – original de 1996), Mintz procura demonstrar a sua convicção, longamente defendida em outras obras, de que o fenômeno da globalização teria se iniciado há mais de 500 anos, tomando a história do Caribe e a formação de sua sociedade açucareira como um exemplo comprobatório. Como já disse um de seus comentadores, Mintz visualiza o Caribe enquanto uma zona de expansão precoce do capitalismo europeu, ou mesmo uma área de vanguarda do capitalismo mundial (CORDERO, 1996). Tal assertiva, contando de forma explícita com a concordância da organizadora da brochura, toma o papel de amálgama para os demais textos escolhidos, constituindo premissa da análise de outras áreas submetidas à economia de plantação: “*Globalizadas muito antes da criação do conceito, essas regiões – Santo Domingo, Haiti, Jamaica, zona canavieira de Pernambuco – testemunham os efeitos de um processo poderoso e inovador, colocado em movimento, em escala mundial, no século XVII*”, afirma a profa. Christine na introdução.

A seguir, a seleta nos apresenta o instigante “O poder do doce e a doçura do poder” (original de 1988, corrigido e republicado em 1995), onde o autor examina a colaboração da Antropologia face a outras

Ciências Sociais, notadamente à História, no entendimento das significações sociais que o sabor doce adquiriu ao longo do tempo. Trabalhando com o conceito de cultura *“tal como foi formulado por Boas, Kroeber, Lesser, Benedict e Steward”*, Mintz preocupa-se em estudar a história do mercado mundial de bens (no caso específico, o açúcar ou a sacarose de cana) e a história dos povos *“que tiveram que aprender a produzi-lo em massa”*, objetivando chegar a uma Antropologia do cotidiano. Ele mostra, dessa maneira, como os fatores culturais e sociais – e não os biológicos – permitem uma compreensão mais acertada da história do gosto e do consumo da mercadoria açúcar, refutando com veemência *“os esquemas evolucionistas unilineares”*, que advogam propensões genéticas ou traços naturais próprios à espécie humana para explicar o sucesso da sacarose no último milênio.

O quarto artigo da coletânea (Era o escravo de plantação um proletário? – original de 1978) enfoca outro assunto bastante caro ao professor Mintz, qual seja, a importância do campesinato no interior de sociedades escravistas e as dificuldades teóricas do conceito de proletariado rural. Na história do Caribe e da América Central coexistiram múltiplas formas de exploração da força de trabalho, incluindo escravos ameríndios e africanos, camponeses e trabalhadores *“contratados”*, cujas características variavam de modo considerável na escala do tempo e mesmo geograficamente. O autor indica cinco tipos de combinações de trabalhadores que não eram permutáveis entre si, *“pois cada uma representava uma resposta diferente às necessidades de mão-de-obra”*, debatendo e questionando os rótulos e esquemas que supostamente distinguiriam sociedades *“pré-capitalistas”*. Mesmo com uma preocupação em não confundir as características e regulamentações de cada tipo de mão-de-obra, as conclusões que podem ser tiradas dessa sua análise histórica são assim resumidas pela organizadora: *“Rastejando o percurso histórico das ilhas açucareiras do Caribe, Mintz ilustra seu propósito: sucessivas combinações de contingentes de mão-de-obra revelam que, embora juridicamente sujeitos a estatutos diversos, sua condição concreta podia não parecer tão distinta assim”*.

Por fim, a coletânea é encerrada com chave de ouro pelo fundamental artigo, em co-autoria com Eric Wolf, *“Fazendas e plantações na Meso-América e nas Antilhas”*, publicado pela primeira vez em 1957

e que permanecia inexplicavelmente inédito em português. Quando se pensa que este é nada menos que o texto fundador do moderno conceito de plantação, percebe-se a valiosa contribuição que nos oferece a professora Christine Rufino Dabat ao tirá-lo do ostracismo. Bem à moda de Mintz, ela se utiliza de fina ironia para abrir a pequena antologia: “*Sidney W. Mintz é muito citado na literatura sobre o Brasil; muito mais do que a divulgação de sua obra aqui deixaria esperar. Todo estudioso da realidade histórica brasileira, particularmente na sua dimensão agrária, utiliza o conceito de plantação – ‘plantation’, como gostam de dizer. E todo aluno, até mesmo de segundo grau, se transforma num pequeno Monsieur Jourdain, que, segundo Molière, fazia prosa sem o saber [...]*”.

Os artigos reunidos nessa publicação podem ser saudados, portanto – e com licença pelo uso do clichê – com um sonoro “antes tarde do que nunca!”, na esperança de que os leitores possam continuar refletindo sobre a participação das plantações de açúcar e de outras mercadorias tropicais na constituição do mundo dito “globalizado”.

Bibliografia:

CORDERO, Juan A. Giusti. “Para Leer a Mintz...en puertorriqueño: una aproximación bibliográfica y crítica”. *Fundamentos – Cuaderno de la Variante del Conocimiento en las Ciencias Humanas*, números 3-4, 1996, p.101-108b.

Nota:

*Professor do Departamento de Ciências Geográficas - UFPE